

RUA JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Lei nº 2829 de 21-03-1963

Formada pela travessa "L" do Jardim Chapadão

Início na rua Alferes João José

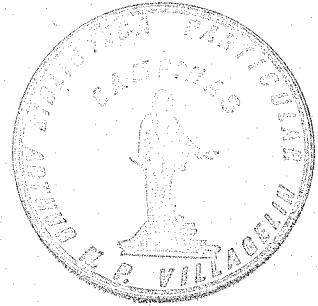
Término na rua Lafayette Egidio de Souza Aranha

Jardim Chapadão

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cury.

#### JOÃO DA CRUZ E SOUSA

João da Cruz e Sousa nasceu em Desterro, hoje, Florianópolis, Estado de Santa Catarina, em 24-novembro-1862 e faleceu em Sitio, vilarejo de Minas Gerais, em 19-março-1898. Negro, filho de escravos, recebeu esmerada educação dos senhores dos seus pais, casal sem filhos, o marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, de quem herdou o nome. Na idade escolar foi enviado para o "Ateneu Provincial", prosseguindo os estudos, mais tarde, com o padre Mendes de Almeida, onde aprendeu latim, grego e inglês. Aos oito anos já compunha versos que recitava nas festas infantis. Inclinado para o jornalismo fundou, em sua terra, o jornal "O Moleque", em 1885. Em 1883 foi nomeado oficial de gabinete do governador de Santa Catarina, e ao deixar ao cargo, foi nomeado promotor público, não tomando posse, porém, devido ao terrível preconceito racial reinante. Em companhia de Virgílio Várzea publicou seu primeiro livro em 1885 "Tropos e Fantasias". Percorreu o Brasil, como secretário de uma companhia teatral, fixando residência no Rio de Janeiro, em 1890. Trabalhou também na Estrada de Ferro Central do Brasil, no cargo de arquivista. Cruz e Sousa sofreu muito. Em toda a sua vida foi perseguido pelo preconceito racial, encontrando sempre dificuldades e mil obstáculos às suas pretensões. Também as infelicidades domésticas conturbaram e muito sua existência. Três de seus quatro filhos morreram tuberculosos e a esposa enloqueceu. Constitui-se na expressão máxima do movimento simbolista em nosso país, logrando resistir às manifestações levantadas contra ele, notadamente, por causa de sua cor. As vésperas de 1898, segue para Minas Gerais para tratamento de saúde, morrendo em março desse ano, tuberculoso, sendo seu corpo removido para o cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. Sua bibliografia consta de: Poesia: "Broquéis"; "Faróis"; "Últimos Sonetos". Prosa: "Tropos e Fantasias" (em colaboração com Virgílio Várzea); "Missal" (poemas em prosa); "Evocações".



**LEI N.º 2829, DE 21 DE MARÇO DE 1963  
DA O NOME DE JOÃO DA CRUZ E SOUSA A UMA  
RUA DA CIDADE.**

**A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:**

**Artigo 1.º — Fica denominada João da Cruz e Sousa a Travessa L do Jardim Chapadão, que tem início na Rua Alferes João José e término na Travessa M.**

**Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.**

**Paço Municipal de Campinas aos 21 de março de 1963.**

**Miguel Vicente Cury — Prefeito Municipal.**

**Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal aos 21 de março de 1963.**

**Dr. Plínio do Amaral — Diretor do Departamento do Expediente.**

RUA JOÃO DA CRUZ E SOUSA •

(Rua do Jardim Chapadão, com início à rua Alferes João José e término à rua Lafayette Egydio de Sousa Atanha)  
(LEI Nº 2829 de 21-03-1963)

# CRUZ E SOUZA

João da Cruz e Sousa, considerado a maior figura do movimento simbolista no Brasil, nasceu em Destêrro (atual Florianópolis) a 24 de novembro de 1861. Este poeta negro, filho de escravos, foi educado pelo marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, de quem herdou o nome. Com curso secundário completo inicia atividade jornalística e em 1885, em colaboração com Virgílio Várzea, estréia em livro com "Tropos e Fantasias".



Cruz e Sousa, porém, sofreu muito. Devido ao preconceito de cor, encontrou dificuldades em suas pretensões e infelicidades domésticas conturbaram a sua existência.

Depois de percorrer o Brasil como secretário de uma companhia teatral, fixou residência no Rio, em 1890. Escrevia para jornais e mais tarde consegue um lugar de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil. Três de seus quatro filhos morreram tuberculosos e a esposa enlouqueceu. Apesar dessa vida tribulada, produziu bastante. Os seus primeiros livros denotam a influência parnasiana, mas de 1890 a 1898, se firma no simbolismo.

A 19 de março de 1898, na estação de Sítio, em Minas Gerais, para onde fora para tratamento de saúde, morre, também tuberculoso, o poeta catarinense. O seu corpo foi transportado para o Rio, para o cemitério de São Fran-

cisco Xavier.

Esta é a bibliografia deixada por Cruz e Sousa: *Poesia*: Broquéis (1893); Faróis (1900); Últimos Sonetos (1905); Obras Poéticas (Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos, Inéditos e Dispersos) (1954 — organiz. de Andrade Murici). *Prosa*: Tropos e Fantasias (1885, em colaboração com Virgílio Várzea); Missal (1893) (poemas em prosa); Evocações (1898) (poemas em prosa).

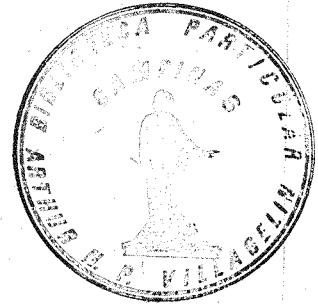
"Vida obscura" reflete a vida do poeta:

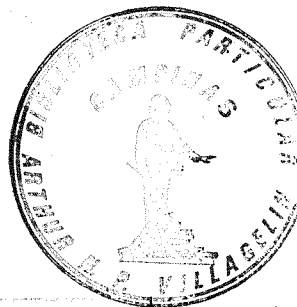
*Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
O ser humilde entre os humildes séres.  
Embriagado, tonto de prazeres,  
O mundo para ti foi negro e duro.*

*Atravessaste no silêncio escuro  
A vida presa a trágicos deveres,  
E chegaste ao saber de altos saberes,  
Tornando-se mais simples e mais puro.*

*Ninguém te viu o sentimento inquieto,  
Maguado, oculto e aterrador, secreto,  
Que o coração te apunhaíou no mundo.*

*Mas eu que sempre te segui os passos,  
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços,  
E o teu suspiro como foi profundo!*





## João da Cruz e Sousa

A 24 de novembro de 1862 nasceu em Desterro, hoje, Florianópolis, capital de Santa Catarina, o poeta João da Cruz e Sousa, falecido em Minas Gerais, a 19 de março de 1898. Filho de escravos alforriados, conviveu com a família de seus antigos senhores e, ao chegar à idade escolar, foi enviado para o Ateneu Provincial. Mais tarde, com o padre Mendes de Almeida, aprendeu latim, grego e inglês. Já aos oito anos compunha versos que recitava nas festas infantis. Em 1893 publicou seu primeiro livro "Missal", seguido de "Broquéis", obra esta que despertou vivo interesse nos meios literários do tempo. Ingressou no jornalismo em 1881 e, com Virgílio Varzea, fundou a "Tribuna Popular", mantendo-a por oito anos. Em 1883 era nomeado oficial de gabinete do governador de Santa Catarina, Gama Rosa que, ao deixar o governo, nomeou-o promotor público em Laguna. Não tomou, porém, posse do cargo, pois entre os políticos da época reinava o terrível preconceito racial. Voltando ao jornalismo, fundou "O Moleque", jornal que apesar de suas interessantes ilustrações litográficas teve apenas um ano de vida. Em 1897, então tuberculoso, mudou-se para Minas, onde faleceu um ano depois. Deixou ainda: "Evocações", "Faróis" e "Últimos Sonetos", mais tarde reunidos em 2 volumes de "Obras Completas".

# Vida Cultural

24. Novembro. 1961

## O centenário do Poeta Negro

O Brasil inteiro celebra hoje o primeiro centenário do nascimento de Cruz e Sousa, o imortal Poeta Negro, expressão máxima do movimento simbolista em nosso País, e cuja lira sonora e torturada ficou aureolada e impercível em nossa história literária.

Realmente Cruz e Sousa, pela singularidade e musicalidade de seus versos, é uma expressão legítima da poesia brasileira e, de tal modo, que logrou resistir às manifestações levantadas contra ele pelo parnasianismo e pelo modernismo, em seu repúdio ao simbolismo.

Mas tal era a força, valor e legitimidade da arte de Cruz e Sousa, que conseguiu ele sobrepor-se a todas as investidas e paixões, inclusive aos percalços resultantes da sua condição de filho de escravos, quando o preconceito racial ainda era bem vivo em nosso País.

Mesmo liberto ao nascer, criado e educado com extremos pelos senhores de seus pais, casal sem filhos e de espírito humanitário, João da Cruz e Sousa, que adotou o sobrenome de seus protetores, jamais perdeu o feitio humilde, a timidez dos incompreendidos.

Sabia bem do seu valor, da grandiosidade de sua arte e embora lutando com a adversidade que o cruciou sempre, logrou construir uma obra ora glorificada na série de homenagens que assinalam a passagem do centenário de seu nascimento, na então ilha do Desterro. "Missal", "Broquéis", "Evo-

cações", "Faróis", "Últimos Sonetos", disseram dos seus méritos literários, assegurando-lhe lugar destacado em nossa literatura e, após a sua morte, a publicação de suas Obras Completas, com várias reedições, evidencia quanto é lido e apreciado pelos seus patrícios.

O simbolismo de que foi ele um corifeu, marca um rico e expressivo capítulo da nossa vida literária e nele sobrepairá a arte inconfundível de Cruz e Sousa.

As múltiplas comemorações que têm sido realizadas, são uma demonstração inequívoca de quanto Cruz e Sousa merece da posteridade.

A sessão pública da Academia Brasileira de Letras, onde se fez ouvir a palavra autorizada e aplaudida de Alvaro Moreyra, sobre o poeta; a série de conferências proferidas no Centro Catarinense, focalizando a vida e a obra do autor dos "Broquéis"; a Exposição Cruz e Sousa, inaugurada e ainda aberta na Biblioteca Nacional; o livro de R. Magalhães Júnior escrito especialmente para este centenário: uma edição completa de sua obra, pela Aguilar, e ainda outras justas homenagens, dizem bem da imortalidade de Cruz e Sousa, cuja memória hoje reverenciamos.

Essas homenagens constituem verdadeira vitória, que ele tão bem sentiu no soneto imortal a que intitulou "Triunfo Supremo":

"Quem anoa peiz lágrimas perdido,  
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,  
É quem deixou para sempre esquecido  
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou do mundo redimido,  
Expurgado dos vícios mais singelos  
E disse a tudo o adeus indefinido  
E despreendeu-se dos carnaís anelos!

É quem errou por tódas as batalhas  
As mãos e os pés e o flanco ensanguentando,  
Amortalhado em tódas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando  
E entre raios, pedradas e metralhas,  
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!"

N. C.